

Heroínas esquecidas

Viúvas de praças guardam em cartas e diários histórias inéditas da guerra

Para quatro senhoras cariocas, todas na faixa dos 80 anos, a luta dos pracinhas brasileiros na Segunda Guerra Mundial representa muito mais do que conta a História. Viúvas e filhas de combatentes, elas cansaram de assistir às comemorações dos 60 anos do fim da guerra, celebrados este ano, reverenciando apenas os feitos dos homens. Mais de 25 mil militares partiram para a Itália reforçando a tropa aliada contra as potências do Eixo, em julho de 1944, integrando a Força Expedicionária Brasileira (FEB), e deixando para trás namoradas, mulheres e filhas. "Nós, que ficamos aqui, cuidando da família? Não merecemos reconhecimento?", orgulhava-se a professora Norma da Silveira Romaguera, 83 anos, com uma pontinha de decepção.

Viúva do coronel José Silveira Romaguera, ajudante-de-ordens do comandante marechal João Batista Mascarenhas de Moraes, Norma decidiu organizar sozinha uma festa. Aproveitou o feriado do Dia da Independência, na última quarta-feira, comprou salgadinhos e torta de morango e chamou as três amigas para lembrar as histórias em seu apartamento, no Leblon.

O encontro foi uma aula de história dos bastidores. Norma recebeu as amigas entoando trechos de Lili Marlene, canção popular durante o período. A professora Dora Sodré, 75 anos, filha do almirante Benjamin Sodré, fez questão de lembrar que, enquanto 67 mulheres brasileiras participaram ativamente no front, como enfermeiras do Exército, outras milhares colaboraram daqui.

- Sabemos detalhes da história que não estão nos livros. Eu era menina, saía da escola e ia de casa em casa recolhendo metais para que as fábricas transformassem em armamento e munição. Minha mãe doou as jóias que tinha para serem fundidas e ajudar o governo com as despesas de guerra - detalha Dora.

Os agasalhos dos pracinhas, nada acostumados com o frio da Europa, eram costurados por elas. Viravam as noites tricotando pilhas de luvas, meias e passa-montanhas - touca usada sob o capacete para protegê-los da neve.

- Usávamos lã verde-escura, tínhamos o maior carinho. Depois, descobrimos que a alfândega italiana prendia tudo e distribuía para a população carente - indigna-se a pianista Neusa Magarinos Souza Leão, 89 anos.

Para Neusa, esposa do general Magarinos, a falta de notícias agravava ainda mais a saudade. Para tentar contornar a censura, que abria todas as cartas enviadas pelos pracinhas aos familiares, Neusa lembrou que foi preciso inventar um código de siglas para se comunicar livremente com o marido.

- Mesmo assim, não teve jeito. Algumas cartas chegavam aqui parecendo rendas, de tão recortadas.

Numa das vezes que foi receber correspondências do marido, Norma tomou um susto: dentro do embrulho grande, em vez de cartas, tinha um búzio. Ela sacudiu a concha e lá dentro, enroladas e amassadas, havia mais de 20 cartas, para mulheres dos pracinhas de todo o país.

- Enviei uma a uma pelo correio, como se eu as estivesse remetendo. Só brasileiro tem essa criatividade - exclama a professora.

A professora Noemi Silva, 88 anos, era a mais contida de todas, mas lembrou do preconceito que enfrentaram por estarem sozinhas numa cidade como o Rio de Janeiro.

- A moderna Copacabana não via com bons olhos tantas jovens sem marido - recorda-se.

Elas começaram a usar um broche de metal com uma estrela amarela, sinal que indicava a presença do marido na guerra. O Exército baixou uma determinação para que elas deixassem de usar o acessório.

- A justificativa era a de que parecíamos disponíveis, sem marido perto - reprova a professora Norma.

Hoje, as quatro moram sozinhas. A rotina inclui missa, leitura e pequenas caminhadas pela orla. "Ah! E os médicos...", suspira Noemi. Os filhos, netos e bisnetos costumam visitá-las aos fins de semana. E garantem que a guerra atual da cidade não as assusta.

- O estágio de coragem que fizemos nos duros anos de guerra nos fortaleceu até hoje - lembra Norma.

Autoria: Mariana Filgueiras

JB Online, 11.09.2005 -www.jb.com.br